

“Psicologia das massas e análise do eu”: pontuações e atualizações

*Gloria Sadala**

Resumo

Em 2021, comemorou-se o centenário do texto “Psicologia das massas e análise do eu”, de Sigmund Freud. O retorno às questões desenvolvidas nessa obra, acarretou indagações em torno do que teria mudado na psicologia das massas, dado as transformações socioculturais que ocorreram ao longo desses 100 anos. Considerando a comunicação contemporânea, as diferentes formas de liderança, as redes sociais etc., o presente artigo propõe um retorno ao texto de 1921, visando demonstrar sua atualidade a partir de uma reflexão sobre a contemporaneidade.

Palavras-chave: PSICANÁLISE; SOCIEDADE; CONTEMPORANEIDADE; MASSAS. COMUNICAÇÃO.

“Psicología de masas y análisis del yo”: puntuaciones y actualizaciones

Resumen

En 2021 se celebró el centenario del texto “Psicología de masas y análisis del yo” de Sigmund Freud. El retorno a los interrogantes desarrollados en este trabajo, derivó en interrogantes sobre qué habría cambiado en la psicología de las masas, dadas las transformaciones socioculturales ocurridas a lo largo de estos 100 años. Considerando la comunicación contemporánea, las diferentes formas de liderazgo, las redes sociales, etc., este artículo propone un retorno al texto de 1921, con el objetivo de demostrar su vigencia a partir de una reflexión sobre la contemporaneidad.

Palabras clave: PSICOANÁLISIS; SOCIEDAD; CONTEMPORÁNEO; PASTAS. COMUNICACIÓN.

“Mass psychology and analysis of the self”: scores and updates

Abstract

In 2021, the centenary of the text “Mass Psychology and Analysis of the Self” by Sigmund Freud was celebrated. The return to the questions developed in this work, led to questions about what would have changed in the psychology of the masses, given the sociocultural transformations that occurred over these 100 years. Considering contemporary communication, the different forms of leadership, social networks, etc., this article proposes a return to the 1921 text, aiming to demonstrate its relevance from a reflection on contemporaneity.

Keywords: PSYCHOANALYSIS; SOCIETY; CONTEMPORARY; PASTAS. COMMUNICATION.

Comemoramos, no ano de 2021, o centenário do texto de Freud intitulado “Psicologia das massas e análise do eu”. Por que comemorá-lo? Os efeitos da massa já haviam sido experimentados pelos homens, quando Freud os retomou numa articulação

* Psicanalista. Coordenadora e docente do Programa de Pós-graduação stricto sensu em Psicanálise, Saúde e Sociedade (UVA). Professora do curso de especialização em Psicologia Clínica (PUC-Rio).

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6927-6326>

E-mail: gloriasadala@gmail.com

inédita. O mundo se transformou, no entanto, ao longo desses cem anos e algumas perguntas nos ocorrem. O que teria mudado na psicologia das massas? O que há de novo?

Os fenômenos sociais na atualidade, principalmente relativos à comunicação contemporânea, à situação política em diversos países, às diferentes formas de fanatismo e às redes sociais, incitam-nos a um retorno a questões tratadas por Freud.

Em 1920, um ano antes de escrever “Psicologia das massas e análise do eu”, Freud apresentou o texto “Mais além do princípio do prazer”, responsável pelo que chamamos na psicanálise de “virada da década de 20”. Sua experiência clínica, as observações das brincadeiras infantis, as consequências traumáticas da Primeira Guerra Mundial e a gripe espanhola, levaram Freud a formular a existência de uma força destrutiva na constituição pulsional do ser humano. E, assim, Freud criou um segundo dualismo em sua teoria pulsional: pulsão de vida e pulsão de morte.

A partir da conceituação de pulsão de morte, Freud, já com mais de 60 anos, teve uma intensa produção de textos culturais que constituem uma excelente ferramenta de leitura para fenômenos sociais, inclusive de nossa sociedade contemporânea. Dentre esses textos, encontramos “O futuro de uma ilusão” (1927), “O mal-estar na cultura” (1930) e “Psicologia das massas e análise do eu” (1921).

Freud inicia seu texto “Psicologia das massas e análise do eu” com uma afirmação inédita: “a psicologia individual é, ao mesmo tempo e desde um princípio psicologia social.

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que pode nos parecer muito importante à primeira vista, perde muito de sua nitidez se examinada a fundo. Certamente, a psicologia individual é dirigida ao ser humano individualmente e procura seguir por quais caminhos ele tenta alcançar a satisfação de suas moções pulsionais; no entanto, ao fazê-lo, e sob determinadas condições excepcionais, só raramente ela estará em posição de desconsiderar as relações desse indivíduo com os outros. Na vida psíquica do indivíduo, o outro é, via de regra, considerado como modelo, como objeto, como auxiliar e como adversário, e por isso a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social, nesse sentido ampliado, mas inteiramente legítimo (FREUD, 1921, p. 108).

Freud já havia afirmado a respeito da importância da presença do Outro e suas marcas para a constituição do sujeito e neste texto corrobora sua afirmação. Lacan (1945), ratifica esta ideia de Freud com o seu enunciado, no texto “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, de que o coletivo não é nada mais do que o sujeito do individual.

O ponto de partida de Freud em seu estudo sobre as massas foi Gustav Le Bon, sociólogo e médico francês, nascido em 1841, que escreveu uma obra intitulada “Psicologia das multidões”. Para Le Bon, o mais singular dos fenômenos apresentados por uma massa é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem e por mais diversa ou semelhante que possam ser sua inteligência, ocupação etc., apenas o fato de estarem em uma massa, os dota de uma alma coletiva, a qual os faz sentir, pensar e trabalhar de um modo diferente do que o fariam se estivessem isolados.



Gustave Le Bon (1841–1931)

Segundo Le Bon, “pelo simples fato de formar uma massa, o homem desce vários escalões na escala da civilização. Isolado, era culto. Na massa, um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade e, também o entusiasmo e heroísmo dos seres primitivos” (Le Bon apud Freud, 1921, p. 114).

A partir dos estudos de Le Bon, Freud descreve as características da massa:

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é acrítica, o improvável não existe para ela. Ela pensa por imagens que se evocam umas às outras associativamente, tal como elas se apresentam ao indivíduo durante os estados de livre fantasiar [*freien Phantasierens*], e que não são medidas por nenhuma instância racional no que diz respeito à conformidade com a realidade. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. A massa não conhece, portanto, nem a dúvida nem a incerteza (Freud, 1921, p. 114-115).

E continua:

Ela chega muito rapidamente a extremos; uma vez enunciada uma suspeita, esta se transforma para ela, de imediato, em certeza irrefutável; um germen de antipatia torna-se ódio selvagem. Inclinada ela mesma a todos os extremos, a massa também só é excitada por estímulos desmedidos. Quem quiser influenciá-la não necessita de nenhuma dimensão lógica em seus argumentos; ele tem de pintar as imagens mais fortes, exagerar e repetir sempre a mesma coisa. Como a massa não tem dúvidas sobre o que é verdadeiro ou falso, e ao mesmo tempo tem consciência de sua grande força, ela é tanto intolerante quanto crente na autoridade. Ela respeita a força e só se deixa influenciar moderadamente pela bondade, que, para ela, significa uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é a força, até mesmo a violência. Ela quer ser dominada e reprimida e temer seu mestre. No fundo inteiramente conservadora, ela tem uma profunda aversão por todas as inovações e progressos e um respeito ilimitado pela tradição. (Freud, 1921, p. 115)

A massa se mostra muito influenciável pelo efeito mágico das palavras, as quais podem apaziguá-la ou excitá-la. Dessa forma, a palavra do chefe é muito importante e tem um grande poder sobre a massa. A palavra, neste caso, pode ser capaz de levar o grupo na direção proposta por aquele que o conduz.

A massa é um dócil rebanho incapaz de viver sem um amo. E que aptidões esse amo/chefe necessita?

- intensa fé, para fazer surgir a fé na massa;
- vontade potente e imperiosa, para animar a massa carente de vontade;
- prestígio, o qual tende a desaparecer diante dos fracassos.

No texto de 1921, Freud cita também Mac Dougall, psicólogo, que escreveu “*The group mind*” (1920), o qual estudou o fator organização nos agrupamentos humanos. Para Mac Dougall, a formação de uma massa requer:

- algo comum entre os indivíduos;
- um mesmo interesse que os enlace a um mesmo objeto;
- que experimentem os mesmos sentimentos em presença de dada situação;
- que possuam certa capacidade de influenciarem uns aos outros.

A hipótese de Freud a respeito dos laços que se criam numa massa é que na essência daquilo que Le Bon tratou como alma coletiva, existem relações amorosas, ou seja, laços afetivos. Freud abandona a ideia de sugestão para explicar tais laços e lança mão do conceito de libido. Naquela época, conceituava a libido como “a energia [...] [das] pulsões que têm a ver com tudo aquilo que podemos abranger na ordem do amor” (Freud, 1921, p. 126).

Há duas ideias que sustentam a hipótese freudiana:

- 1) A massa precisa manter-se coesa por algum poder. Esse poder atribui-se a Eros, que mantém coeso tudo o que existe;
- 2) Quando um sujeito renuncia ao que lhe é pessoal e se deixa suggestionar pelos outros, o faz por amor.

Inicialmente, apoiaremos a nossa expectativa em dois breves pensamentos. Primeiro, que a massa é claramente mantida coesa por alguma espécie de força. Mas a que outra força poderíamos atribuir essa realização se não a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo, que obtemos a impressão de que, quando o indivíduo na massa desiste de sua singularidade e se deixa suggestionar pelos outros, ele o faz porque nele há uma necessidade de antes estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, portanto, “por amor a eles” (Freud, 1921, p. 127-128).

Assim, os laços estabelecidos entre os membros de uma massa e entre cada um deles e seu líder, são laços de amor, alimentados pela energia psíquica daquilo que Freud nomeou como libido.

Em 1920, após a Primeira Guerra Mundial, Freud desenvolveu o conceito de pulsão de morte em sua última elaboração acerca da teoria pulsional. Este episódio funesto para a humanidade direcionou Freud no sentido de conceber uma pulsão de destruição capaz de explicar a guerra.

A pulsão de morte torna-se pulsão de destruição na medida em que, com a ajuda de órgãos especiais, é voltada para fora, contra os objetos. O ser vivo preserva, por assim dizer, sua própria vida destruindo a vida alheia. Mas uma parte da pulsão de morte permanece ativa no interior do ser vivo, e fizemos a tentativa de derivar um grande número de fenômenos normais e patológicos dessa interiorização da pulsão de destruição (FREUD, 1933, p. 350).

Não se trata mais de uma oposição entre as exigências das pulsões sexuais e exigências da cultura, mas de um antagonismo fundamental que opõe Eros e Thanatos, operando tanto no sujeito quanto na cultura. Este foi um momento de virada na teoria freudiana, que levou Freud a conceber no sujeito e no social um mal-estar estrutural e permanente.

Em seu estudo sobre as massas, Freud analisa a Igreja e o Exército, como duas instituições fundadas na obediência e na servidão, que se alimenta da pulsão de morte. Segundo Freud, “O líder da massa continua sendo o temido pai primevo, a massa

continua querendo ser dominada por um poder irrestrito; em grau extremo, ela é ávida por autoridade; tem, segundo a expressão de Le Bon, sede de submissão” (FREUD, 1921, p. 160). Por um lado, aceitar essa servidão resulta da busca de proteção que na verdade é sempre a busca por um pai, diante do desamparo que a vida nos coloca. Mas, por outro, colocar-se nessa posição de servo do outro implica numa renúncia da própria subjetividade, enveredando por uma obediência cega e acrítica, o que leva o sujeito paradoxalmente também ao encontro do desamparo.

Há dois laços no funcionamento de uma massa: o laço entre cada membro e o líder, e os laços entre os membros que compõem a massa. Segundo Freud, o líder ocupa o lugar de ideal do eu para cada membro da massa, o que é comum para todos. O fato de haver este mesmo ideal do eu presente para todos os membros cria a ilusão de que há um pai que ama a todos igualmente, o que vai responder pela sustentação daquela massa.

Ao se deter na análise daquilo que explica a união entre os membros da massa, Freud aponta e desenvolve teoricamente o processo de identificação, e este é o tema central do texto “Psicologia das massas e análise do eu”.

Segundo Freud, as massas se constituem através de um tipo de identificação específico, na qual os sujeitos tomam um mesmo objeto como ideal do eu e, em consequência, estabelece-se entre eles uma recíproca identificação.

Retomando a Igreja e o Exército, como Freud o fez, podemos considerar que tanto Cristo, como o Comandante em chefe seriam os objetos tomados como ideal do eu e que responderiam pelas identificações estabelecidas entre os “irmãos” na Igreja e os “camaradas” no Exército.

As elaborações sobre a constituição das massas contidas no texto de 1921 focalizam a união pelo amor, no sentido de apontar quais são os processos psíquicos que respondem pela união observada nas massas. No funcionamento das massas, no entanto, não há apenas a presença do amor. Há também sua outra faceta, o ódio, o qual é magistralmente descrito por Freud em seu mito científico apresentado em “Totem e Tabu” (1912-1913).

Um dia os irmãos expulsos se aliaram, mataram e devoraram o pai, e assim puseram fim à horda paterna. Unidos ousaram fazer e levaram a cabo o que individualmente os teria sido impossível. (Talvez um progresso cultural, o manejo de uma arma nova, os teria dado o sentimento de sua superioridade). Que devorassem o morto era coisa natural para alguns selvagens canibais. O violento pai primordial era por certo o arquétipo invejado e temido de cada um dos membros do bando de irmãos. E agora, no ato da devoração, consumavam a identificação com ele, cada um se apropriava de uma parte de sua força. O banquete totêmico, acaso a primeira festa da humanidade, seria a repetição e celebração daquela façanha memorável e criminal com a qual começaram tantas coisas: as organizações sociais, as limitações éticas e a religião” (Freud, 1912-1913/1986, p. 143-144).

Freud estabelece um paralelo entre a ambivalência da horda fraterna em relação ao pai e os sentimentos contraditórios das crianças e dos neuróticos em relação à figura paterna. Coexistem o ódio ao pai e às suas proibições, com o amor e admiração por ele. Assim, é necessário matar o pai, suprimi-lo, satisfazendo o ódio e o desejo de ocupar o seu lugar para que possam surgir os sentimentos carinhosos. Como consequência de todo esse processo, surgem o remorso e a culpa e, deste modo, o pai morto adquire um poder muito maior do que possuía quando vivo. A pulsão de morte responderia pelo

ódio dos filhos e conseqüente assassinato do pai. A pulsão de vida permitiria a união dos filhos em torno do resgate do amor do pai, resultando na criação da cultura.

Há, portanto, dois elementos fundamentais na constituição de uma massa: o amor e o ódio. Para que se mantenha a união dentro da massa é preciso um escoamento do ódio, o que levou Freud a pensar no narcisismo das pequenas diferenças.

Não deve ser menosprezada a vantagem de um círculo cultural mais restrito, a de permitir à pulsão encontrar uma saída na hostilização daqueles que se acham fora dele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. Uma vez, ocupei-me com o fenômeno de que justamente comunidades vizinhas e até próximas umas das outras em outros aspectos atacam-se e ridicularizam-se, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e os do sul, os ingleses e os escoceses etc. Dei a esse fenômeno o nome de “narcisismo das pequenas diferenças” [...] Passamos a reconhecer nele uma satisfação conveniente e relativamente inofensiva da tendência à agressão, através da qual é facilitada a coesão dos membros da comunidade. (Freud, 1930, p. 292).

O narcisismo das pequenas diferenças manifesta-se a partir dos preconceitos e das segregações, mantendo afastado das massas tudo que lhe é diferente e estranho. O desenvolvimento feito por Freud a respeito do narcisismo das pequenas diferenças Lacan (1956) denominou de terror conformista, em seu escrito “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”, em uma crítica aos fenômenos de grupos presentes nas associações de psicanálise, que, por conseqüência, propiciavam a ausência de questionamentos dentro da própria instituição, como uma condição para manter a coesão interna desta. Isso gera comodidade, mas, também, isolamento. “Ao designar esse fenômeno por ‘terror conformista’, Lacan acentua a subserviência ao líder que está na base da luta mortífera imaginária dos membros entre si, em que o outro é igual e rival” (Quinet, 2009, p. 84).

Como pensar na atualidade a psicologia das massas apresentada por Freud em 1921?

Em nossos dias, constatamos líderes políticos, ídolos de uma comunidade, campeões desportistas, símbolos sexuais, influenciadores digitais, veiculados pela mídia para exercerem um poder sobre os seus seguidores. Desta forma, podem vir a ocupar o lugar de ideal do eu para muitos sujeitos e, aglutinados em torno deste objeto comum, passam a funcionar segundo a lógica das massas tão bem descrita por Freud. O preço a pagar dentro dessa lógica é o desejo condescendo ao gozo, o que restringe a singularidade do sujeito.

Pensar na psicologia das massas hoje implica articulá-la com a sociedade de controle na qual vivemos. Invadidos por um sistema de controle, nossas ações, gostos, interesses são manipulados, com vistas aos objetivos de uma sociedade de consumo.

No ano de 2020, o mundo foi surpreendido pelo Coronavírus, causa da doença COVID-19. Da China, espalhou-se rapidamente para outros países, pela facilidade e eficiência dos meios de transportes modernos e devido à progressão geométrica apresentada no contágio do novo vírus. O isolamento e distanciamento social se fizeram necessários, face ao desconhecimento da doença, à falta de um protocolo para tratamento eficaz e à inexistência de vacina. Tudo isso causou uma queda na economia e uma urgência de mudança nos hábitos e na rotina de todas as pessoas em vários setores de suas vidas. A tecnologia moderna, por facilitar a locomoção entre os diferentes países, contribuiu para a expansão rápida do vírus,

estabelecendo-se, assim, uma pandemia. Mas foi também a tecnologia que, através dos recursos digitais, favoreceu as condições para a continuidade de muitas atividades acadêmicas e profissionais.

A internet, as redes sociais, o celular e outros dispositivos digitais forneceram meios para a realização de atividades à distância. Esses benefícios da comunicação contemporânea carregaram, no entanto, novas questões, relativas à manipulação e ao controle das mídias sociais, cujos efeitos ficaram ainda mais evidentes nesse período de pandemia.

A direção tecnológica é característica da contemporaneidade. Se há benefícios evidentes, como por exemplo, a sobrevida maior em função das novas descobertas, não sabemos exatamente os efeitos do excesso, das mudanças rápidas e da globalização sobre os sujeitos imersos neste mar de informação. A comunicação contemporânea, caracterizada pelo excesso, pela pressa e pela globalização estará a serviço do sujeito ou do seu controle?



Lançado recentemente pela *Netflix*, o documentário dramático americano intitulado *O dilema das redes*, de setembro de 2020, escrito e dirigido por Jeff Orlowski, através dos depoimentos de frequentadores do Vale do Silício, analisa o papel das redes sociais e os danos causados por elas à sociedade. Mostra seu poder de manipulação e como os profissionais da tecnologia possuem o controle sobre o modo como pensamos, agimos e vivemos. O filme é um alerta em relação aos mercados que negociam o futuro da humanidade, pois, de início, vendem tecnologia e, depois, usuários. O documentário leva-nos a pensar acerca de uma questão ética que se impõe na comunicação contemporânea, quando o próprio sujeito é colocado como produto, objeto de consumo das mídias sociais.

Desde 1992, Deleuze já apontava uma crise generalizada de todos os meios de confinamento, desde a família até a prisão. É o fim das sociedades disciplinares, com o subsequente estabelecimento das sociedades de controle (Deleuze, 1992, p. 221-222). O controle tornou-se preponderante, eficiente graças à tecnologia e se constatamos que esta assumiu o comando no mundo contemporâneo, fica a perplexidade quanto às nossas relações sociais e nossa liberdade.

Tecnologia não se refere apenas ao aparato técnico produzido pela ciência. Nela se inclui uma visão de mundo, relacionada à eficácia e à utilidade (d'Amaral, 1995). A visão técnica do mundo, da ciência e da linguagem está expressa pela palavra tecnologia, que assim escandida, evidencia o *logos*, indicando o *discurso da técnica*, discurso característico da contemporaneidade.

Os meios científicos e técnicos têm contribuído significativamente para transformações nas práticas sociais, surgindo novas formas de relações e novos sintomas na sociedade contemporânea. Se vivemos uma crise de valores, uma impossibilidade de unificação, uma queda de ideais, é justamente agora que mais se fala em comunicação. Além disso, as mudanças contínuas, as descobertas novas ininterruptas e a aceleração tecnológica determinam uma dispersão das informações que quase afogam o sujeito neste mar de conhecimentos.

Parece que o homem está sempre ameaçado por aquilo mesmo que produz, ou seja, pelo resultado do seu próprio pensamento. Os frutos da grande variedade de atividades humanas, de modo imprevisível e com muita rapidez, voltam-se contra o próprio homem. Isso parece constituir uma das principais vias do drama da existência humana contemporânea. E, desta forma, o homem vive mergulhado cada vez mais no medo. Medo da bomba atômica, medo da manipulação resultante dos avanços da medicina, medo inclusive dos efeitos da globalização que têm determinado desequilíbrios econômico-financeiros através dos quais sentimos um controle à distância. Todos esses medos resumem-se no medo do que um outro ser humano possa trazer de surpresa e mal-estar. E tudo isso determina um certo isolamento, uma distância, mas a busca do Outro sempre se reinicia.

O fenômeno internet é um exemplo do processo de diferenciação e transformação na sociedade. Essa rede mundial, que cresce dia a dia, permitindo uma nova forma de comunicação e aproximação, faz parte do domínio do espaço virtual.

Usualmente, emprega-se o termo virtual para se referir à ausência de existência, o que coloca o fenômeno virtual na ordem das ilusões, do imaginário. A etimologia da palavra “virtual” remete-nos, no entanto, ao latim *virtualis*, que se relaciona à força e potência. Pierre Lévy em seu livro *O que é o virtual?* (1996) concebe o virtual como um modo de ser fecundo e poderoso capaz de movimentar processos de criação, tendo apenas uma pequena afinidade com o ilusório e o falso.

Se tomarmos como foco as relações entre as pessoas, diremos que são sempre virtuais. A dimensão do não-encontro é permanente, pois o outro cumpre sempre uma função na fantasia do sujeito, função essa desconhecida para ambos, o que muitas vezes é causa de fracasso nas relações. É esta dimensão que nos permite duvidar da possibilidade da comunicação transparente, pretendida por John Searle, pensador da filosofia da linguagem, e muitos outros.

Desde a entrada na linguagem, o sujeito esforça-se por dizer tudo, tarefa impossível que o leva a constatar sempre mais uma vez a falta, a solidão, a incompletude. É tentadora, portanto, a possibilidade que se apresenta, na comunicação contemporânea, de se poder comunicar com todos a todo instante. É a miragem do todo, do completo que se coloca no deserto solitário do sujeito que está em busca daquilo que lhe falta.

Constatamos na atualidade que os surpreendentes avanços na comunicação com as contribuições da ciência e da tecnologia trouxeram benefícios incontestáveis. No entanto, não foram capazes de dar conta do mal-estar inerente às relações humanas. Novos problemas surgiram como as *fake news*, a quantidade como critério prevalente, os mal-entendidos na comunicação digital e as manipulações ligadas ao consumo. Freud anteviu esse fracasso, pois, segundo ele, na busca do domínio sobre a natureza e do poder em relação a seus pares, uma nova desilusão haveria e o progresso não traria a felicidade almejada.

A série de desilusões cresceu: Copérnico reduziu nosso planeta a um satélite do sol; Darwin nos incluiu na família dos chimpanzés; Freud desvelou que o homem não é senhor de seus atos; os geneticistas descobriram que temos só duas vezes mais genes do que as moscas e os vermes; e a tecnologia não resolveu os problemas da comunicação humana.

A psicanálise constitui-se como uma teoria e uma prática social significativas na contemporaneidade. Não é apenas uma nova forma de tratamento, pois a descoberta de Freud acerca do inconsciente se coloca como um novo discurso revolucionário que propicia uma leitura do social, tendo, ao mesmo tempo, efeitos no mundo. Pode operar

em contextos sociais e políticos que, muitas vezes, contêm discursos antagônicos e até mesmo rivais.

Nos tempos atuais, com as análises *on-line*, os psicanalistas estão convocados novamente a um retorno à função da fala, a pensar a pulsão invocante, uma vez que a fala permanece como protagonista no dispositivo analítico, mas sem a presença física dos corpos.

Consideramos que a comunicação contemporânea se encontra atrelada ao discurso da ciência, da tecnologia e do capitalismo. A psicanálise, situando-se no avesso, constitui-se como uma forma de resistência e possibilidade de transformação frente aos impasses do sujeito na contemporaneidade. No avesso da comunicação, a psicanálise nos mostra a importância da fala para se presentificar o sujeito do ato, constituído pela força da pulsão e pelo vigor do desejo.

Lacan, diante dos impasses da contemporaneidade, toma uma posição que pode ser considerada como um desafio para os psicanalistas.

Se os psicanalistas não querem estar à altura do que têm a cargo, nem por isso o que têm a cargo deixa de existir ou deixará de ter efeitos. Será preciso que haja pessoas que tratem de estar à altura de certo tipo de efeitos que são predestinados a ser tratados dentro de certo referencial. Forçosamente surgirão essas pessoas, porque quando os efeitos se tornam um pouco insistentes, é preciso levá-los em conta e operar em seu campo (Lacan, 1967-1968/inédito, notas - 8 e 15 de maio de 1968).

A comunicação contemporânea, com seus dispositivos comunicacionais modernos propiciados pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, oferece novas possibilidades de encontro e recursos inéditos que reduzem o tempo e as distâncias. Observa-se, no entanto, um excesso, acompanhado muitas vezes de uso indevido com manipulações e controles das mídias sociais que deixam profissionais, pais, crianças e jovens atônitos diante de um mal-estar nas relações sociais.

Diante de todo o exposto acima a respeito da comunicação contemporânea, como pensarmos a psicologia das massas virtuais? Há outra estrutura libidinal na formação dessas massas, na qual predominaria o amor narcísico e não o amor objetal? Como explicar a estrutura libidinal nos movimentos sem líder da atualidade, que se formam no anonimato das organizações em rede?

Penso que a palavra é o contraponto essencial aos efeitos da psicologia das massas. A palavra é o recurso principal para presentificação do sujeito do desejo que, como Fênix, pode ultrapassar os obstáculos da vida e ressurgir sempre a partir da sua singularidade.

Referências

Deleuze, G. *Conversações* (1972-1990). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Freud, S. (1921) “Psicologia das massas e análise do eu”. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Edição do Kindle. São Paulo: Autêntica, 2020.

Freud, S. (1930) “O mal-estar na cultura”. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Edição do Kindle. São Paulo: Autêntica, 2020.

Freud, S. (1933) “Por que a Guerra?”. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Edição do Kindle. São Paulo: Autêntica, 2020.

Lacan, J. (1945) “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

Lacan, J. (1956) “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

Lacan, J. (1967-1968) *O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico*. Inédito.

Lévy, P. *O que é o virtual?* Rio de Janeiro: 34 Letras, 1996.

Quinet, A. *A estranheza da psicanálise - A escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

Citação/Citation: Sadala, G. (2022) “Psicologia das massas e análise do eu”: pontuações e atualizações. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. spe.), pp. 17-26.